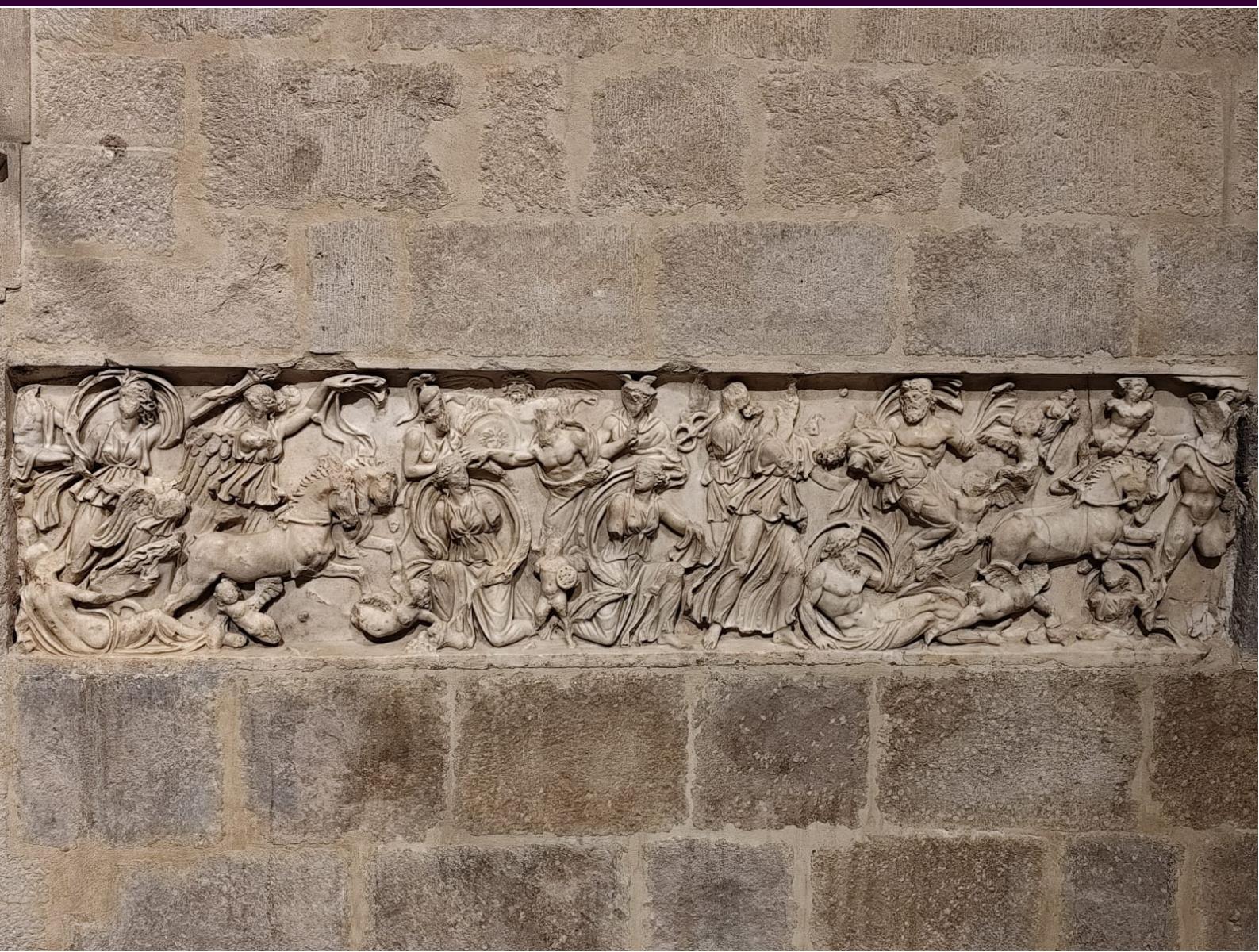


2024.1 . Ano XLI . Número 47

CALÍOPE

Presença Clássica

Separata 10



2024.1 . Ano XLI . Número 47

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Separata 10

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda
SUBSTITUTO EVENTUAL Beatriz Cristina de Paoli Correia

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araújo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carré (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Sarcófago. Estrigilado com orante masculino sobre o tema do rapto de Proserpina, séc. III (Basílica de Sant Feliu, Girona). Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORAÇÃO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 47
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Leonardo Vichi | Rainer Guggenberger | Simone de Oliveira Gonçalves
Bondarczuk | Vinícius Francisco Chichurra

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.letras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

O centão de Proba e a reinvenção dos versos virgilianos como linguagem universal no séc. IV

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

RESUMO

Neste estudo, investiga-se o emprego da técnica do centão, pela poeta Proba (séc. IV d.C.), para retratar poeticamente episódios da *Bíblia*. A hipótese principal em consideração diz respeito a questões de diversidade linguística do império romano, no sentido de que, ao optar pelo centão, Proba estaria em busca de garantir a legibilidade de sua obra em todas as regiões do vasto império, de forma a neutralizar as variantes linguísticas presentes nos falares locais.

PALAVRAS-CHAVE

Antiguidade tardia; *Centão*; Proba; Virgílio.

SUBMISSÃO 28.11.2024 | APROVAÇÃO 21.2.2025 | PUBLICAÇÃO 27.3.2025

DOI [10.17074/cpc.v1i47.66304](https://doi.org/10.17074/cpc.v1i47.66304)

P

elo que se sabe hoje, o *Centão* de Proba foi publicado como livro em 1472, sendo a primeira obra escrita por uma mulher a ser impressa na história da humanidade. O centão virgiliano *De laudibus Christi* é atribuído a Faltonia Betitia Proba, ou à sua neta, Anicia Faltonia Proba.¹ A autora é uma das personalidades femininas incluídas na lista das 106 mulheres notáveis (“brilhantes”, “ilustres”, “famosas”, “gloriosas”) de Giovani Boccaccio (*De mulieribus claris*), publicada em 1374. O depoimento do autor renascentista chama a atenção, inicialmente, para a admiração (*longe mirabile*) por obra tão extraordinária ter sido escrita por uma mulher:

Non equidem admiratione caret tam sublimem considerationem muliebre subintrasse cerebrum, sed longe mirabile fuit executioni mandasse (Boc., *De mul. cl.*, 97).²

É fato que não deixa de provocar admiração que um pensamento tão elevado tivesse adentrado o cérebro de uma mulher, mas, de longe, o mais extraordinário foi [ela] ter [se] encarregado de sua execução.³

Igualmente dignas de nota em seu depoimento são as descrições da técnica empregada por Proba, a quem G. Boccaccio chama *vatis virgiliani carminis docta atque familiaris* (“poeta douta e familiarizada com a poesia virgiliana”).

Operam igitur pio conceptui prestans, nunc buc nunc illuc per bucolicum georgicumque atque eneicum saltim discurrendo carmen, nunc hac ex parte versus integros, nunc ex illa metrorum particulias carpens, miro artificio in suum redigit propositum, adeo apte integros collocans et fragmenta connectens, serrata lege pedum et carminis dignitate, ut, nisi expertissimus, compages possit advertere [...] (Boc., *De mul. cl.*, 97).

Nessas circunstâncias, ela assumiu a responsabilidade da obra com consciente concepção e, percorrendo daqui e dali as Bucólicas, as Geórgicas e a Eneida e recolhendo ora versos inteiros de uma parte, ora partículas dos metros de outra

parte, reuniu-os com técnica admirável e na direção de seu propósito, de modo que recompôs tão adequadamente os versos inteiros e conectou os fragmentos, preservando a lei da métrica e a magnificência do poema, que somente alguém com a máxima experiência poderia perceber as junturas.

Isidoro de Sevilha (séc. VI-VII d.C.), no seu livro de etimologias, após apresentar uma breve descrição da técnica do centão, refere-se à obra de Proba – a única mulher por ele mencionada⁴ – com a deferência que acompanha o superlativo *plenissime* (“com perfeição máxima”).

[25] *centones apud Grammaticos vocari solent, qui de carminibus Homeri seu Vergili ad propria opera more centonario ex multis hinc inde compositis in unum sarcunt corpus, ad facultatem cuiusque materiae.* [26] Denique Proba, uxor Adelphi, centonem ex Vergilio de Fabrica mundi et Evangelii plenissime expressit, materia composita secundum versus, et versibus secundum materiam concinnatis (Isid., Etym., I.39, 25-26).⁵

[25] Entre os gramáticos, costumam ser chamadas de ‘centão’ as obras próprias dos que constroem uma peça única, ao modo de remendos em uma colcha de retalhos, a partir de poemas de Homero e de Virgílio, rearranjados daqui e dali, conforme faculta cada matéria. Em resumo, Proba, esposa de Adelfo, modelou, a partir de Virgílio, com perfeição máxima, um centão sobre a criação do mundo e os Evangelhos, rearranjada a matéria conforme os versos, e os versos harmonizados à matéria.

Esse tipo de fazer poético foi referido na antiguidade tardia através de duas metáforas poderosas: *cento* (“colcha de retalhos”) ou *(o)stomachion*, algo análogo a um “quebra-cabeça”, termo usado por Ausônio,⁶ coetâneo de Proba, na carta-prefácio a seu *Cento nuptialis*. Em ambas as palavras, o leitor pode construir a imagem de partes de alguns materiais com formatos diferentes (tecidos desgastados⁷ e formas geométricas diversas, ou *ossicula*),⁸ sendo reunidas para formar um novo objeto.

No que concerne à *materies* objeto dos centões, há de se destacar a grande variedade temática nas poucas centenas de obras

disponíveis para um leitor do séc. XXI: dicas de culinária para fazer pão, dicas para jogar dados, a tragédia *Medeia*, uma festa de casamento, o mito de Narciso, o Antigo Testamento e os Evangelhos e assim por diante.⁹ Fica claro, portanto, que o centão é uma técnica de composição, não um gênero literário.¹⁰ É possível usar os milhares de hexâmetros virgilianos para escrever sobre praticamente qualquer assunto: alto ou baixo; sério ou engraçado. Depende da capacidade do escritor em organizar os versos originais e, como afirma Peltari,¹¹ da capacidade do leitor em identificar esses arranjos.

Tertuliano (séc. II-III d. C.) descreve a nova forma literária do centão, apresentada em sua época por Hosídio Geta, que “costurou uma tragédia de Medeia muito completa a partir de Virgílio” (“*Medeam tragiciam ex Virgilio plenissime exsuxit*”, Tert. *De praescriptione haereticorum*, 39.3-4). Tal obra consiste em “compor uma história totalmente outra a partir de Virgílio, com o conteúdo ajustando-se aos versos, e os versos encaixando-se de acordo com o conteúdo” (“*ex Virgilio fabulam in totum aliam componi, materia secundum uersus et uersibus secundum materiam concinnatis*”).

Testemunhos da recepção do *Centão de Proba* por seus contemporâneos ou em momento histórico subsequente, porém, mostram que a obra da poeta era vista com grandes reservas pelos prelados da comunidade cristã, cujo cânone eclesiástico ainda estava em processo de formação. Nesse sentido, a obra de Proba é caracterizada como apócrifa no *Decreto gelasiano* e está listada entre os textos que não devem ser considerados apropriados para os cristãos.¹²

Os Padres da Igreja, de fato, descrevem as primeiras versões da *Bíblia* em língua latina como de má qualidade, como registra Agostinho em suas *Confissões*: “[As escrituras] me pareceram indignas quando as comparo com o valor dos escritos de Cícero” ([scriptura] uisa est mihi indigna quam Tullianae dignitati compararem, Agost., *Conf.*, 3.5.9).

O emprego da técnica do centão, no entanto, que poderia garantir a *dignitas* das narrativas bíblicas, já que compostos a partir da sublimidade dos versos virgilianos, foi diretamente criticado por

Agostinho em *De civitate Dei* (17.15).¹³ Jerônimo na epístola 53,¹⁴ escrita em 394 e dirigida a Paulino de Nola, também critica severamente a técnica do centão, descrevendo tais obras como *puerilia* (“pueris, infantis”) e “*circulatorum ludo similia*” (“semelhantes a jogos de artistas de rua”), típicas de uma “*anus garrula*” (“velha fofoqueira”),¹⁵ “*delirus senex*” (“velho delirante”) e “*soloecista uerbosus*” (“criador de solecismo prolixo”) (Jer., *Cartas*, 53, 7).

O CENTÃO COMO INSTRUMENTO PARA A UNIDADE LINGUÍSTICA NO SÉC. IV D.C.

O império romano era um império multilíngue.¹⁶ Do ponto de vista imperialista, esse fato costumava trazer muitos desafios a enfrentar, especialmente no que diz respeito ao comércio. Biville¹⁷ enfatiza o traço multilíngue do império romano.

Le latin n'a jamais été "la" langue de l'Empire rêvée par l'idéologie impériale. Non seulement l'empire était bilingue, grec et latin, mais ses ressortissants s'exprimaient dans une multitude de parlers aux statuts très divers, dont on trouve des échos, en latin même, dans des formules onomastiques mixtes et surtout, dans les nombreux emprunts lexicaux que le latin a faits aux langues avec lesquelles il a été en contact, et pour lesquels le grec a souvent servi d'intermédiaire.

O latim nunca foi “a” língua do Império sonhada pela ideologia imperial. Não só o império era bilingue, grego e latim, mas a população exprimia-se numa infinidade de dialetos com estatutos muito diversos, dos quais encontramos ecos no próprio latim, em fórmulas onomásticas mistas e, sobretudo, nos numerosos empréstimos lexicais que o latim fez às línguas com as quais esteve em contato, e para as quais o grego muitas vezes serviu de intermediário.

Ao abordar o papel centralizador de Roma junto aos missionários periféricos, Pirrote¹⁸ destaca a situação da difusão do cristianismo no séc. IV. O autor afirma:

Jusqu'au 4e siècle, l'expansion chrétienne dans le monde méditerranéen avait ce caractère spontané d'une épidémie qui se répand, sans

O Centão de Proba e a reinvenção dos versos virgílianos [...] | Sandra M.G.B. Bianchet

programme clairement défini. Sans doute, depuis la reconnaissance du christianisme dans l'empire romain, cette contagion avait-elle reçu le puissant soutien du pouvoir en place. Toutefois, la diffusion de l'Évangile n'avait jamais jamais fait l'objet d'une planification pensée et mise en oeuvre depuis le centre du monde chrétien.

Até o séc. IV, a expansão cristã no mundo mediterrâneo teve o caráter espontâneo de uma epidemia em expansão, sem um programa claramente definido. Sem dúvida, desde o reconhecimento do cristianismo no império romano, esse contágio recebeu o poderoso apoio da autoridade em vigor. Contudo, a difusão do Evangelho nunca foi objeto de uma planificação pensada e implementada a partir do centro do mundo cristão.

O autor destaca indubitavelmente a falta de planejamento prévio em relação ao avanço do cristianismo e descreve ter havido uma progressão aleatória. Um argumento na direção desse caráter aleatório e, de certa maneira, independente da progressão do cristianismo pode ser buscado na existência das muitas versões da *Bíblia* no séc. IV,¹⁹ anteriormente à versão unificada da *Vulgata* de Jerônimo, escrita entre o final do séc. IV e início do V.

Entende-se que o *Centão* de Proba tenha vindo a público como parte de um movimento histórico-cultural de cristianização da população que acontecia sem estabelecimento de um método consciente e monitorado, quando o mundo clássico pagão, especialmente por meio de autores como Cícero e Virgílio,²⁰ ainda era constitutivo das vivências da população em toda a vastidão do império romano, avançando na direção contrária à da diversidade linguística. Uma das mais célebres frases que aponta para a tensão entre literatura pagã e cristianismo²¹ está no relato de um sonho feito por Jerônimo, quando este diz ter sido acusado de mentir ser “*Christianus*”, quando, na verdade, seria “*Ciceronianus*”: ““*Mentiris*’, ait, ‘*Ciceronianus es, non christianus; ubi thesaurus tuus, ibi et cor tuum!*”²²

Cullhed²³ chama atenção para o momento histórico-cultural de produção da obra de Proba:

Preceded by Juvencus and followed by poets such as Prudentius and Sedulius in the fifth century, Proba stands at the beginning of a

classicizing Christian Latin poetic tradition in which the texts of Virgil stand as the fundamental stylistic paradigm and, as such, are constantly legitimized through allegorizing and decontextualizing readings.

Precedida por Juvencio e seguida por poetas como Prudêncio e Sedúlio no séc. v, Proba se encontra no começo de uma tradição poética latina cristã classicizante, na qual os textos de Virgílio se colocam como o paradigma estilístico fundamental e, como tal, são constantemente legitimados por meio de leituras alegóricas e descontextualizadas.

Tarrant,²⁴ ao abordar alguns aspectos da recepção de Virgílio na antiguidade, inicia suas considerações destacando a permanência da notoriedade das obras virgilianas: “*The celebrity of Virgil's work in the Roman world was immediate and lasting*”.²⁵ Para o autor,²⁶ à época de Jerônimo, Virgílio havia se tornado “propriedade comum” tanto de pagãos, quanto de cristãos.

Sob esse ponto de vista, portanto, o uso da técnica do centão representaria dupla vantagem: seria inteligível nas diversas regiões do império romano, independentemente dos falares locais,²⁷ e garantiria a sublimidade poética da narrativa.

UMA NARRATIVA, MUITAS FORMAS DE EXPRESSÃO

Outro fator relevante para a presente discussão acerca da recepção e apropriação de versos virgilianos em contextos diversos aos de sua produção²⁸ diz respeito precisamente a variações de natureza lexical, morfológica ou sintática nos versos ou recortes de versos citados.

Uma análise de certo passo de *De civitate Dei*, de Agostinho,²⁹ obra em que se usam muitos exemplos e contraexemplos retirados de autores pagãos, principalmente de Virgílio, bem como versículos da *Bíblia* para corroborar seus argumentos, pode realçar a questão.

No livro 21, Agostinho se refere à sua leitura da compreensão de Virgílio sobre um dos princípios de Platão e toma *En.*, vi, v. 733-734 para sustentá-la. Os versos, no entanto, apresentam-se um pouco diferentes da versão da *Eneida* que chegou ao séc. XXI. Assim registra

Agostinho em *De civitate Dei*, 21, 23: “*Hinc metuunt cupiuntque, dolent gaudentque, nec auras suspiciunt, clausae tenebris et carcere caeco*”. Em comparação, tem-se em Virgílio (*En.*, vi): “[*H*]inc metuunt cupiuntque, dolent gaudentque, neque auras dispiciunt clausae tenebris et carcere caeco”.³⁰

A variação do vocabulário em ambas as palavras pode ser explicada como resultado da técnica mnemônica de memorização de palavras pertencentes ao mesmo grupo semântico, ferramenta que pode levar a diferentes versões do mesmo texto.

Se se mudar o foco para as citações de passagens da *Bíblia* em obras diversas do séc. IV, as variações se mostram ainda mais marcadas. Sobre esse assunto, uma citação especial do terceiro livro do *Gênesis* aparece no livro XIV de Agostinho, caput XVII (“*De nuditate primorum hominum, quam post peccatum turpem pudendamque viderunt*” – “Da nudez dos primeiros homens, que eles consideravam vil e vergonhosa depois do pecado”), em que se discutem questões delicadas sobre a nudez. Ele afirma:

*Hinc est quod, poste aquam mandatum Dei aperta transgressione violarunt, scriptum est de illis, Et aperti sunt oculi amborum, et cognoverunt quia nudi erant, ei consuerunt folia fici, et fecerunt sibi campestria.*³¹

Foi por isso que, após a evidente transgressão do mandamento de Deus, foi a este respeito escrito: Abriram-se os olhos de ambos, apercebendo-se de que estavam nus e coseram folhas de figueira e fizeram para si umas tangas (campestria).³²

Como parte de seu método de ensino, nesse mesmo *caput*, Agostinho acrescenta detalhes de cada sintagma da frase citada sobre sua compreensão do livro de *Gênesis*. A explicaçāo da última palavra é relevante para a presente discussão:

*Proinde confusi inobedientia carnis suae, tanquam teste poena inobedientiae suae, consuerunt folia fici, et fecerunt sibi campestria, id est succintoria genititalium. Nam quidam interpretes succintoria posuerunt.*³³

Por isso, confundidos ao verem a desobediência da carne como testemunho do castigo da sua desobediência, coseram folhas de figueira e para si fizeram umas *campestria*, isto é, *succintoria* (faixas) como o escrevem certos tradutores.³⁴

Ao considerar uma segunda possibilidade para os intérpretes traduzirem *perizomata*, palavra que ocorre na versão grega da *Bíblia*, Agostinho chama a atenção de seu leitor para a variação lexical nas traduções da *Bíblia* do grego para o latim.³⁵

Contudo, se se compararem as variantes dos mesmos versículos listados por Bonifatius Fischer³⁶ em seu monumental trabalho de comparação das variantes da *Bíblia* em língua latina que circulavam no império romano antes da *Vulgata* de Jerônimo, pode-se facilmente notar que uma das variantes de Agostinho – *succintoria* – não aparece na lista de Bonifatius – não pela mesma grafia.

Variações encontradas para *Genesis 3, 7* (versão *Vulgata*: “[E]t aperti sunt oculi amborum cumque cognovissent esse se nudos consuerunt folia ficus et fecerunt sibi perizomata”), segundo registro em Fischer.

<i>Perizomata, tegimenta, tegmina, vestimenta, subcinctoria, praecinctoria, campestria.</i>
<i>Amborum, eorum.</i>
<i>Cumque, et.</i>
<i>Scierunt, cognoverunt, agnoverunt, viderunt, cognovissent.</i>
<i>Quia nudi erant, quod nudi essent, et nudi sunt, esse se nudos.</i>
<i>Suerunt, consuerunt, adsuerunt.</i>
<i>Folia fici, folia ficus, folia ficalnea.</i>

As formas variantes incluem:

- mudanças destacadas no vocabulário
- diferenças morfológicas e sintáticas, como nos pronomes
- formas verbais

- processos de subordinação
- sincretismo casual

Tomando o centão como meio de tradução, entende-se que Proba também apresenta diferentes variantes, para o trecho em análise, da narrativa de Adão e Eva no Paraíso (Proba, *Centão*, v. 206-209), nos quais, através de recortes de versos das *Geórgicas* e da *Eneida* de Virgílio, a poeta narra o mesmo episódio:

<i>Centão de Proba</i>	<i>Versos correspondentes em Virgílio</i>
“Continuo nova lux oculis effulsit; at illi [...]”.	<i>Aen. IX</i> , v. 731; <i>Geor. IV</i> , v. 416.
“[T]errentur visu subito nec plura morati [...]”.	<i>Aen. VIII</i> , v. 109; <i>Aen. V</i> , v. 381.
“[C]orpora sub ramis obtentu frondis inumbrant: [...]”.	<i>Aen. VII</i> , v. 108; <i>Aen. XI</i> , v. 66.
“[C]onsertum tegumen, nec spes opis ulla dabatur”.	<i>Aen. III</i> , v. 594; <i>Aen. II</i> , v. 803.

Centão a partir de Agostinho da Silva (adaptado): “Seu olhar se incendeia de repente e seus olhos pararam, receosos do que ia acontecer... Sem tardar os seus corpos debaixo da ramada com tecto de folhagem a dar sombra: roupa rasgada, não há esperança, não há caminho”.

Tradução autoral: “Incontinente, uma nova luz resplandeceu em seus olhos; mas eles se aterrorizam com o que subitamente veem e, sem mais demora, põem seus corpos à sombra sob ramagens, cobrindo-os com folhas: a proteção foi entretecedida, mas sem oferecer qualquer esperança de ajuda”.

No processo de junção de recortes de versos virgilianos, na busca por correspondência semântica, sem alterar a unidade sintática e métrica dos versos, Proba se apropria do cânones e o transporta para seu tempo e seu contexto de produção poética. É assim que “[d]ontinuo nova lux oculis effulsit” substitui “[e]t aperti sunt oculi”; também a referência direta ao momento em que Adão e Eva

perceberam que estavam nus “*et cognouerunt quia nudi erant*” é substituído pela sensação de pavor pelo que viram em “*at illi terrentur visu subito*”; enquanto a descrição de se cobrirem “*ei consuerunt folia fici, et fecerunt sibi campestria*” é poeticamente expressa por “*nec plura morati corpora sub ramis obtentu frondis inumbrant: consertum tegumen*”.

Outra comparação de versões dos versículos de Gênesis, que mostram múltiplas traduções para a mesma sentença, demonstra a sistematicidade das variações linguísticas destacadas até agora e pode vir a corroborar a hipótese aqui em foco. No *caput* 23 do livro XIII de *De ciuitate Dei*, Agostinho cita o versículo “*Qua die ederitis ex illo, morte moriemini?*” (*Gen. II, 17*) – aqui Jerônimo escolhe “*in quocumque enim die comedeleris ex eo morte morieris*”.³⁷ As variantes registradas em Fischer,³⁸ por sua vez, incluem: a inserção da preposição “*in*”; a oscilação de pronome indefinido – “*qua*”, “*quacumque*”, “*quo*”, “*quocumque*”; a remoção do advérbio e a mudança na ordem das palavras – “*die enim*”, “*die autem*”, “*enim die*”, “*autem die*” e na estrutura sintática “*si autem die*”; além da diferença no gênero de “*die*” (masculino ou feminino) e a variação lexical para *ederitis*, associada à variação da forma verbal entre singular e plural, e os modos indicativo e subjuntivo – “*comederitis*”, “*comedeleris*”, “*manducaueritis*”, “*manducabitis*”, “*ustaueritis*”, “*gustaueris*”, “*tetigeritis*”, “*tetigeri*”; encontra-se também a oscilação no uso de “*ex*”, “*de*” ou “*ab*”, associada à oscilação no pronome demonstrativo – “*illo*” x “*eo*”; e a variação da forma verbal entre singular e plural – “*moriemini*”, “*morieris*”, o que torna incerto quem seria o destinatário: Adão sozinho ou Adão e Eva.

Na versão centonária de Proba (*Centão*, v. 151-152), no entanto, a grande variação de vocabulário na forma verbal “*ederitis*” parece ser neutralizada pelo emprego de outra expressão poética, através da qual a poeta se concentra no ato de colher o fruto proibido “*decerpserit arbore fetus*”, mais próxima de “*tetigeritis*”, uma das versões listadas por Fischer; e o verbo de fácil apreensão “*mori*” é substituído pelo poético “*morte luere*”, com a importante adição do adjetivo “*merita*”.

<i>Centão de Proba</i>	<i>Versos correspondentes em Virgílio</i>
“ <i>Hac quicumque sacros decerpserit arbore fetus, [...]</i> ”	<i>Aen. xi, v. 591; Aen. vi, v. 141.</i>
“ <i>[M]orte luet merita: nec me sententia vertit</i> ”.	<i>Aen. xi, v. 849; Aen. i, v. 260.</i>

Centão a partir de Agostinho da Silva (adaptado): “Se alguém, consagrado, desse ramo pequeno tiver tirado, quem te feriu perece como tu: pensamento nenhum me fez mudar”.

Tradução autoral: “Todo aquele que colher os frutos sacros dessa árvore pagará com merecida morte: minha sentença não muda”.

A partir dessa discussão, destaque há de ser dado ao fato de que, nas versões de Proba/Virgílio dos episódios realçados, os versos centonários refletem as mesmas ideias da narrativa bíblica, mas dessa vez poeticamente e, na perspectiva ora discutida, de modo a produzir a neutralização de traços de falares locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma conclusão importante deve ser tirada dessas considerações: no séc. IV d.C., havia muitas versões das narrativas do *Gênesis*, e elas poderiam ser tão diferentes umas das outras que não é certo que fossem compreendidas em todo o mundo romano.

Reputando as reminiscências da língua falada em obras literárias e as traduções da *Bíblia* na linguagem cotidiana, que circularam pelas diversificadas regiões do império romano, pode-se considerar que a obra de Proba foi representativa do movimento oposto ao da diversidade linguística.

Proba, ao apoderar-se dos versos de Virgílio e resgatar sua sublimidade, neutraliza os componentes locais da língua latina. Seu *Centão*, portanto, ainda que desagrade enormemente a alguns por manter viva a influência pagã sobre o cristianismo, apresenta-se como uma exegese pan-romana da *Bíblia*, capaz de ser

compreendida e apreciada como altamente literária, através do uso da linguagem universal da poesia virgiliana.

ABSTRACT

This study investigates the use of the cento technique by the poet Proba (4th century A.D.) to portray episodes from the Bible poetically. The main hypothesis under consideration concerns issues of linguistic diversity in the Roman Empire, in the sense that, by opting for the cento, Proba would be aiming at ensuring the readability of her work in all regions of the vast empire and neutralize the linguistic variants present in local speech.

KEYWORDS

Late antiquity; *Cento*; Proba; Virgil.

REFERÊNCIAS

AUSONIUS. **Volume I.** Translated by H.G. Evelyn-White. Cambridge; London: Harvard University Press, 1951.

BAŽIL, M. **Centones christiani:** métamorphoses d'une forme intertextuelle dans la poésie latine chrétienne de l'Antiquité tardive. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 2009.

BIANCHET. S.M.G.B. **Indicativo e/ou subjuntivo em orações completivas objetivas diretas do português:** uma volta ao latim. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FALE; UFMG, 1996. Disponível em: <www.repositorio.ufmg.br>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BIANCHET. S.M.G.B. **Satyricon, de Petrônio:** estudo linguístico e tradução. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH; USP, 2002. Disponível em: <www.academia.edu>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BIANCHET. S.M.G.B. Irregularidades métricas e rebaixamento do poético no Satyricon, de Petrônio. **Aletria Revista de Estudos de Literatura**, 22(1): 111, abr. 2012.

BIVILLE, F. Pluralité et unité linguistiques dans le monde romain. In: **Le multilinguisme dans le Méditerranée antique.** Actes édités par Réjane Roure, avec la collaboration de Sandra Lippert, Coline Ruiz Darasse et Éric Perrin-Saminadayar PUB, collection Diglossi@ 1, Pessac, 2023. Disponível em: <<https://unaeditions.fr/le-multilinguisme-dans-la-mediterranee-antique>>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BRIGHT, D.F. Theory and Practice in the Vergilian Cento. **Illinois Classical Studies**, IX, 1, 1984. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/2142/11926>>. Acesso em: 27 mar. 2025.

CARMIGNANI, M.A estética da Antiguidade tardia e os centões virgilianos. **Revista Estética e Semiótica**, volume 11, número 2, 2021.

CULLHED, S.S. Proba the Prophet: the Christian Virgilian Cento of Faltonia Betitia Proba. **Mnemosyne Supplements**; v. 378, 2015.

CULLHED, S.S. Proba and Jerome. In: FORMISANO, M.; FÜHRER, T. **Décadence: Decline and Fall or Other Antiquity?**. Heidelberg: Universitätsverlag, 2014.

FALTONIA BETITIA PROBA. **Cento Vergilianvs.** Praefatus est Carlo M. Lucarini. Ediderunt Alessia Fassina et Carlo M. Lucarini. Berlin; Boston: De Gruyter, 2015.

FISCHER, Bonifatius. **Vetus Latina:** die Reste der Altlateinischen Bibel: 2. Genesis. Nach Petrus Sabatier neu gesammelt und herausgegeben von der erzabtei Beuron. Freiburg: Verlag Herder, 1951-1954.

O Centão de Proba e a reinvenção dos versos virgilianos [...] | Sandra M.G.B. Bianchet

GOUVÉA Jr. M.M.O. Carmen Sacrum de Proba. **Nuntius Antiquus**, n. 5, julho de 2010, p. 57-68.

GOUVÉA Jr. M.M. O. Ostomachion: Ausônio e a métrica dos centões latinos. **Scientia Traductionis**, n. 10, 2011, p. 179-200.

GROSSI, Vittorino. **Il Decretum Gelasianum**: nota in margine all'autorità della chiesa di Roma alla fine dell' sec. v. Augustianum, 2001. Disponível em: www.academia.com. Acesso em: 27 mar. 2025.

HINDS, S. The Self-conscious Cento. In: FORMISANO, M.; FÜHRER, T. **Décadence: Decline and Fall or Other Antiquity?**. Heidelberg: Universitätsverlag, 2014.

JESUS, C.M. O Evangelho segundo Eudócia Augusta (séc. v d.C.): Prolegómenos para uma tradução portuguesa. **Ágora: Estudos Clássicos em Debate**, 20, 2018, p. 135-153.

MARTINS, M.C. **Peregrinação de Egéria**: uma narrativa de viagem aos lugares santos. Uberlândia: EdUFU, 2017.

MCGILL, Scott. Poeta Arte Christianus: Pomponius's Cento Versus Ad Gratiam Domini as an Early Example of Christian Bucolic. **Traditio**, v. 56, 2001, p. 15-26.

MCGILL, Scott. **Virgil Recomposed**: the Mythological and Secular Centos in Antiquity. New York: Oxford, 2005.

MECONI, D.V. The Christian Cento and the Evangelization of Christian Culture. **Logos: a Journal of Catholic Thought and Culture**, vol. 7, n. 4, 2004, p. 109-132.

MULLEN, A. **Multilingualism in the Graeco-roman worlds**. Cambridge: CUP, 2012.

PELTTARI, Aaron. **The Space that Remains**: Reading Latin Poetry in Late Antiquity. Ithaca and London: Cornell University, 2014.

PETRÓNIO. **Satyricon**. Edição bilíngue. Tradução de Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

PIROTTI, J. Entre uniformisation romaine et surgissements novateurs: quinze siècles de tension dans l'expansion du Christianisme. In: LARCHER, M.M.O.; MATOS, P.T. (coords.). **Cristianismo e império**: conceitos e historiografia. Lisboa: CHAM; Universidade Nova de Lisboa; Universidade de Açores, 2016. (CHAM eBooks // Debates 1).

PROBA. **Cento Vergilianus de laudibus Christi**. Traducción de María Luisa La Fico Guzzo; AUSONIO. **Cento nuptialis**. Marcos Carmignani. Revisión técnica Rubén Florio. Editorial de la Universidad Nacional del Sur, 2012.

SAN ISIDORO DE SEVILLA. **Etimologías.** Edicion bilingüe. Texto latino, version española y notas por Jose Oroz Reta y Manuel-A. Marcos Casquero. Introducción general por Manuel C. Diaz y Diaz. Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos, 2004.

SANTO AGOSTINHO. A cidade de Deus. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira 2. ed. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. (Vol. II: livro IX a XV).

STEVENSON, J. **Women Latin Poets:** Language, Gender, and Authority, from Antiquity to the Eighteenth Century. Oxford: Oxford University Press, 2005.

TARRANT, R.J. Aspects of Virgil's reception in antiquity. In: MARTINDALE, C. (ed.). **The Cambridge Companion to Virgil.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

TERTULIANO. **Liber de praescriptione haereticorum.** Disponível em: <https://www.tertullian.org/latin/de_praescriptione_haereticorum.htm>. Acesso em: 27 mar. 2025.

THEODOSIANI LIBRI XVI CUM CONSTITUTIONIBUS SIRMONDIANIS (AD 429-438). Disponível em: <https://droitromain.univ-grenoble-alpes.fr/Codex_Theod.htm>. Acesso em: 27 mar. 2025.

VALLE, R. **Considerações sobre a Peregrinatio Aetheriae.** Rio de Janeiro: Botello Editora, 2008.

VIRGILE. **Énéide v-viii.** Texte établi et traduit par Jacques Perret. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1978.

¹ Para uma visão mais ampla acerca da identidade de Proba, ver Lucarini (2015, p. vii-xi) no prefácio de sua edição crítica do *Centão* de Proba.

² Fonte do texto latino: <www.bibliotecaitaliana.it>. Acesso em: 8 fev. 2023.

³ N.B.: Todas as traduções deste artigo são de minha autoria, a menos que o nome do/a tradutor/a seja explicitamente indicado.

⁴ Chama a atenção nesse passo o fato de Isidoro de Sevilha não ter mencionado a obra da imperatriz Eudócia (séc. V), que escreveu um centão homérico bíblico (cf. Jesus, 2018).

⁵ Fonte do texto latino: SAN ISIDORO DE SEVILLE, 2004.

⁶ Cf. Gouvêa Jr. (2011) e Carmignani (2021).

⁷ O vocábulo *cento*, em sua acepção usual como “colcha de retalhos”, ou em sentidos metafóricos diversos, é atestado em dezenas de obras latinas pertencentes a diversos gêneros. Alguns exemplos são: Plauto (*Epidicus*, v. 453-455); Catão (*De agri cultura*, seções 2, 10, 11, 59 e 135); César (*De bello civili*, 2, 9 e 2, 10; 3, 44); Petrônio (*Satyricon* VII, XIV, XV); Juvenal (*Saturae*, 6, v. 120-122); Ulpiano (20 ad sab. Justiniano, *Digesta*, 33); Amiano Marcelino (*Historiae*, 29, 8,8); dentre outros.

⁸ Ausônio, *Cento nuptialis*.

⁹ Veja Bright (1984, p. 83-84) para uma lista ampliada; McGill (2005) para centões mitológicos e seculares; e Bažil (2009) para centões cristãos; Hinds (2014) para uma leitura do centão na perspectiva da recepção.

¹⁰ Aqui nos alinhamos com Meconi, 2004, p. 110 (“[d]esta forma, o centão não é um gênero poético *per se*, mas uma técnica ou método de imitação e semelhança.”). Epístola 53.

¹¹ Pelttari (2014, p. 98-103).

¹² Documento de autoria e época de publicação controversas, sendo atribuído ora ao papa Dâmaso (séc. IV d.C.), ora ao papa Gelásio (séc. V), ou ainda a um certo Ormisda (séc. VI) (cf. Grossi, 2001). No documento, lê-se: *ITEM NOTITIA LIBRORVM APOCRYPHORVM [...] Centonem de Christo virgilianis compaginatum versibus apocryphum*. “[Listamos] também o registro dos livros apócrifos [...] centão sobre Cristo, compilado a partir dos versos de Virgílio”. (*Decretum gelasianum*, part V. Disponível em: <www.patristica.net>. Acesso em: 8 fev. 2023). (*Decreto gelasiano*, parte V. Disponível em: <www.patristica.net>. Acesso em: 8 fev. 2023).

¹³ No original: “[D]einde (quia testimonium, quod profertur, de contextione totius psalmi debet habere suffragium, ut certe nihil sit quod ei refragetur, si non omnia suffragantur), ne more centonum ad rem, quam uolumus, tamquam uersiculos decerpere uideamur, uelut de grandi carmine, quod non de re illa, sed de alia longeque diuersa reperiatur esse conscriptum” (August. *De civ. D.* 17. 15).

¹⁴ No original: “Taceo de meis similibus, qui si forte ad scripturas sanctas post saeculares litteras uenerint et sermone composite aurem populimulserint, quicquid dixerint, hoc legem dei putant nec scire dignantur, quid prophetae, quid apostoli senserint, sed ad sensum suum incongrua aplant testimonia, quasi grande sit et non uitiosissimum dicendi genus deprauare sententias et ad uoluntatem suam scripturam trahere repugnantem, quasi non legerimus Homerocentonas et Vergiliocentonas ac non sic etiam Maronem sine Christo possumus dicere Christianum, quia scripsit: ‘iam redit et uirgo, redeunt Saturnia regna, iam noua progenies caelo demittitur alto’, et patrem loquentem ad filium: ‘nate, meae uires, mea magna potentia solus’, et post uerba saluatoris in cruce: ‘talia perstabat memorans fixusque manebat’”. [As referências são, respectivamente, a Verg., *Ed.* IV, v. 6-7; Verg., *Aen.*, I, v. 664; e Verg. *Aen.*, II, v. 650].

¹⁵ Muitos comentadores associam esta referência à própria Proba (Cf. Pelttari 2014, p. 110: “*The garrula anus whom Jerome attacks is probably none other than Proba herself, for in her cento she used two of the Vergilian lines whose Christian interpretation Jerome condemns*”). Consideramos que Jerônimo estaria apontando para estereótipos sociais, e nos alinhamos com Cullhed (2014, p. 200-201), que toma a referência *garrula anus* como geral. A autora argumenta que “*Jerome is here*

satirically listing a triad of imaginary characters that would be unfit to deal with biblical interpretation, he is not referring to specific persons”.

¹⁶ Mullen, 2012.

¹⁷ Biville, 2023, p. 47.

¹⁸ Pirrote, 2016, p. 23.

¹⁹ Bonifatius Fischer (1951-1954) registra, em seu estudo comparativo, versões africanas e europeias da *Vetus Latina*.

²⁰ Cf. August. *Conf.* 3.5.9 em relação a Cícero como paradigma, comentado supra.

²¹ Cf. comentário em Tarrant (1997, p. 70).

²² Jer., *Epist.*, xxii – *Ad Eustochium*, 30.

²³ Cullhed, 2015, p. 3.

²⁴ Tarrant, 1997, p. 56.

²⁵ “A celebidade do trabalho de Virgílio foi imediata e duradoura”.

²⁶ Tarrant, 1997, p. 70.

²⁷ Cf. estudos acerca da presença de traços de linguagem oral na obra *Peregrinatio Aetheriae* (Bianchet, 1996; Valle, 2008; Martins, 2017).

²⁸ Cf. seção 132 do *Satyricon* de Petrônio, em que o autor compõe uma verdadeira centão virgiliana (Bianchet, 2012).

²⁹ Santo Aurélio Agostinho, Bispo de Hipona, a Marcelino *Da cidade de Deus contra os pagãos*. Disponível *online*, digitalizado pelo Google.

³⁰ Cf. a p. 71 da edição crítica das *Belles Lettres*. A troca de “*nei*” por “*neque*” na linha 733 não é mencionada. A linha 734 está sujeita a algumas variações, mas a forma “*dispiciunt*” é a preferida, em comparação com “*despicunt*”, “*respiciunt*”, “*suspiciunt*”.

³¹ *Gênesis*, 3,7.

³² Santo Agostinho, 2000.

³³ Agost., *Da cid. de Deus*, XIV, caput XVII.

³⁴ Santo Agostinho, 2000.

³⁵ Fisher, 1951-1954, p. 62.

³⁶ Idem, *ibidem*.

³⁷ Www.vulgata.org.

³⁸ Fischer, 1951-1954, p. 48.